

# O anjo da guarda do Congresso

*"Estou abatido por ver os companheiros cairam" (Frase, com sotaque, do deputado José Lourenço)*

VILLAS-BOAS CORRÉA\*

**S**e os anjos da guarda não protegem apenas as pessoas, mas ocupam-se também do destino das instituições, o Congresso deveria manifestar como viva gratidão ao seu anjo de custódia, bajulando-o com homenagens, salamaleques, velas votivas acesas pela devocão, patuás pendurados nos pescoços curvados pela humildade do reconhecimento.

Pois só mesmo a diligência misteriosa do sobrenatural explica a conjugação de fatores eclodindo em série ininterrupta para oferecer ao Legislativo, no apagar das luzes dos mandatos da totalidade dos deputados e de dois terços dos senadores, e de bandeja, a oportunidade da reabilitação consagradora, resgastando a instituição em frangalhos, amaldiçoada por índices desqualificantes de rejeição popular, para as alturas históricas de uma das mais importantes sessões legislativas do período republicano.

A reviravolta parece coisa tramada nos esconhos do desconhecido. Nunca se viu nada igual ou parecido. Antes de descambiar para exageros de avaliação, reconheçamos que o atual Congresso distingue-se pela representação mais mediocre desde 45 e começou a caminhada tão trópego e cambaleante que justificava o receio de que não chegassem ao fim da sessão.

No convívio atribulado com o calamitoso governo do ex-presidente Collor, a atuação da tropa de choque parlamentar que se desatinou na defesa do indefensável, agravou sua imagem manchada pela reincidência nos velhos vícios da madraçaria, das sessões sem número, do escândalo do quórum apenas dois dias na semana - e olhe lá -, no nepotismo descarado, no baixíssimo nível dos debates para plenário vazio, na insaciável gula pelos privilégios, viagens, vantagens. Uma vergonha de fazer corar traficante da favela do Jorge Turco.

A rotina melancólica somou-se o seriado de incidentes policiais no festival de baixaria. A deputada Raquel Cândido, que ora freqüenta as listas dos prováveis indicados à cassação, atravessou fase tão azarada que parecia ter virado moda ou mania agredi-la aos tapas e pescocões. Apanhou do cassado ex-deputado Nobel Moura e levou seus trancos de outro cassado, o também ex-deputado Jubes Rabelo, o da irmandade dedicada ao fluorescente negócio do pó.

O culto do corporativismo inspirou a Comissão de Justiça da Câmara a sepultar no arquivo do esquecimento maroto quase duas dezenas de pedidos de licença para processar ilustres deputados acusados da autoria de crimes comuns.

Nada parecia salvar o Congresso da praga da desafeição popular. A cada nova pesquisa, repetiam-se, ampliadas, as porcentagens do xingamento do povo, rosmando a ameaça da renovação em massa e do desprezo dos votos negados na abstenção, no voto nulo e em branco.

Curioso é que a cambalhota começa a ser ensaiada, como numa reação do desespero quando o doente

parecia desenganado, em coma terminal da agonia. Como que se misturam as descaídas na degradação e os arranques do desespero.

O reverso da tentativa de salvar Collor de envolvimento e cumplicidade com a quadrilha organizada pelo parceiro de falcatacas, PC Farias, destaca a exemplar atuação da CPI que iniciou o desmonte do governo enlameado e a dissolução da gangue que atuava com cobertura oficial.

O Congresso, que penava a desestima nacional, afirma-se como o primeiro a defenestrar o presidente que enodoara o mandato, através da inédita aplicação do *impeachment*. A manobra da renúncia de última hora não conta. Simples expediente de advogado para safar o réu confessado da punição certa.

No embalo da reação, o Congresso foi abalroado por escândalos deprimentes. Descobre-se que Jubes Rabelo, obscuro deputado de Rondônia, credenciara o mano tráfico com carteira de assessor. A duras penas, na autoflagelação que sangrava nos lanhos do corporativismo, a Câmara cassa o deputado. O segundo, em toda a história parlamentar.

A propósito, remexendo na memória: o primeiro da relação, Barreto Pinto, não foi cassado porque se deixou fotografar de cueca e casaca. O processo dormia no escaninho da camaradagem quando o então deputado pelo PTB do Rio, eleito com menos de 400 votos, atacou, em linguagem chula, funcionários da Câmara na coluna que assinava no desaparecido *Diário da Noite*. Indignado, o então presidente da Câmara, deputado Cirilo Júnior, desengavetou o processo e empurrou-o a toque de caixa até a cassação.

Jubes pode orgulhar-se de ser o primeiro cassado por explícita falta de decoro parlamentar.

Dai por diante o Congresso não podia nem pode voltar atrás. Pipoca a vergonheira da operação do aluguel de mandatos para engordar o PSD, a infeliz legenda prostituída nos trambolhões da decadência. Posta em brios, a Câmara cassa três deputados de uma só cajadada, assinalando recorde histórico: Nobel Moura, Jubes Rabelo e Itsuo Takaiama.

Os antecedentes credenciaram o Congresso para o seu grande momento, a menos de um ano do término da sessão legislativa. O escândalo-mór da máfia que desviava verbas na Comissão de Orçamento desafia o Congresso a ir às últimas, desbaratando a quadrilha dos larápios e aplicando cassações por atacado, às dezenas. Nenhum Congresso no mundo ousou tanto para salvar a instituição-símbolo do regime democrático.

Não é só. Simultaneamente, antes de mergulhar na campanha eleitoral, o Congresso necessita desincumbir-se da revisão constitucional e votar o projeto de ajuste fiscal.

Exausto, de língua de fora, o anjo da guarda passou ao Congresso a responsabilidade de decidir seu destino pelo voto. A opção é clara como água limpa: ou o Congresso carimba sua recuperação ou afunda na lama da repulsa popular. O voto ou as pedras. Literalmente: as pedras nos vidros da fragilidade transparente, que é sua força.

popular.

\* Comentarista político do JORNAL DO BRASIL.

Ou o  
Congresso  
carimba sua  
recuperação  
ou afunda de  
vez na lama  
da repulsa